

NAS REGIÕES DA GRANDE SÃO PEDRO, GRANDE MARUÍPE E FORTE SÃO JOÃO, A TAXA MÉDIA DE GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA GIRA EM TORNO DE 25%. NO PAÍS, VARIA ENTRE 20% E 22%

Meninas viram mães para garantir o respeito da sociedade

Muitas decidem engravidar por status e até para se livrar de problemas com traficantes

PAULA STANGE

pstange@redegazeta.com.br

ELISANGELA BELLO

ebello@redegazeta.com.br

Nem sempre uma gravidez inesperada vem para atrapalhar os planos de uma adolescente. Mesmo sem ter muita consciência disso, Mariana (nome fictício) queria ser mãe. Aos 14 anos, ela deixou de ser menina e virou uma mulher. "Agora sou respeitada. Não tenho mais aquela vidinha. As pessoas me olham diferente, não me tratam como criança".

Mariana, hoje com 17 anos, é uma de tantas adolescentes que engravidam antes da hora para conseguir o respeito da comunidade onde vivem, muitas localizadas em áreas de alto risco social, onde há pobreza e tráfico de drogas. Mas que lugar ocupa a maternidade na vida dessas meninas-mães?

É o que se perguntam as equipes de saúde do Projeto Terra, ao colherem os resulta-

meninas engravidam porque não sabem como evitar?", questiona a assistente social Rúbia Nascimento Epaminondas, que manteve contato com 25 adolescen-

tes desses bairros durante dois anos, 2002 e 2003.

Não foi falta de informação, como Rúbia constatou. "Percebemos que essas garotas ficam grávidas por uma questão de identidade, porque querem um lugar na sociedade, para fazerem parte de um contexto de políticas públicas que ainda excluem a juventude".

Projeto. Inseridas em comunidades vulneráveis, ameaçadas por traficantes, onde as pessoas têm renda baixa e pouca escolaridade, essas adolescentes acabam vislumbrando num filho a chance de ter um projeto de vida.

"Quando se tornam mães, elas passam da condição de adolescentes para a de mulheres, que têm uma assistência

mais institucionalizada e ainda ganham um 'status' na comunidade", analisou Rúbia.

De certa forma, o medo de traficantes também contribui para que esse fenômeno aconteça. "Além do respeito da família e da comunidade, essas meninas querem ficar livres de problemas com os traficantes. Algumas chegam a engravidar deles", observou.

Para a coordenadora do Programa de Saúde do Adolescente e do Jovem de Vitória, Rita de Cássia dos Passos Souza, é uma ilusão ver na maternidade um projeto de vida para substituir a falta de perspectiva profissional.

"Essas meninas comprometem um futuro de possibilidades, como por exemplo a educação", destacou.

Problema não é só questão de saúde

Coordenadora de Programa de Saúde diz que questão envolve educação, esporte, segurança e cultura

Nunca foi simples explicar a causa de tantas adolescentes grávidas. De um lado, alguns especialistas apontam para a falta de informação. De outro, a questão centra-se numa busca pela identidade por parte dessas meninas que, mesmo alegando terem conhecimento sobre o tema, não sabem dizer por que não se preveniram. Mas num ponto todos con-

blicas articuladas em todas as esferas. "A Saúde não dá conta de lidar com o problema da gravidez entre adolescentes. É preciso atacar em todas as áreas, como Esporte, Educação, Cultura e Segurança", destacou a médica.

Essa também é a visão da assistente social Rúbia Nascimento, após anos de convivência com adolescentes em situação de risco de Vitória. "Elas vivem em comunidades cheias de problemas sociais,

que são um campo fértil para que esse fenômeno aconteça. Não adianta fazer ações isoladas. É preciso fomentar o meio onde vivem essas jovens, dar oportunidade", disse.

Os vários temas ligados à juventude da Capital serão discutidos na I Conferência Municipal de Segurança Urbana, que acontece amanhã, no Centro de Convenções de Vitória, em Santa Lúcia. Nele, especialistas vão discutir ações para problemas que afetam adolescentes.

Programas para menores serão ampliados

MENINAS-MÃES

■ **No país**

A média nacional de gravidez na adolescência varia entre 20 e 22%

■ **Ranking**

Régiões como as de São Pedro, Maruípe e Forte São João têm índices em torno de 25%, bem acima da média nacional

■ **Em Vitória**

2003 - 17,49%
2004 - 16,51%
2005 (até outubro) - 17,4%

■ **Nascimentos**

De 3.462 crianças nascidas vivas em Vitória este ano, 603 foram de mães adolescentes

DEPOIMENTO

"Minha filha é tudo para mim"

MARIANA*, 17 ANOS

cara. Até tomei uns chás para tirar o bebê, mas não teve jeito. Nos primeiros meses de vida da minha filha, quem

equipes de saúde do Projeto Terra, ao colherem os resultados de um trabalho feito em São José e Santa Helena, dois bairros de Vitória com um dos maiores índices de gravidez precoce da cidade: 15%.

Mas o problema não está só lá. Em regiões como na Grande São Pedro, Grande Maruípe e Forte São João, essas taxas giram em torno de 25%, acima da média nacional, que varia entre 20% e 22%.

“Será que realmente as

por que não sepreveniram. Mas num ponto todos concordam: a distribuição de camisinhas e pílulas está longe de ser solução para o problema.

“A gravidez precoce não tem uma causa só e tem que ser vista não como um problema de saúde pública, mas como uma questão social complexa”, evidenciou a coordenadora do Programa de Saúde do Adolescente e do Jovem de Vitória, Rita de Cássia dos Passos.

Faltam, portanto, políticas pú-

Programas para menores serão ampliados

Das 26 unidades de saúde de Vitória, apenas 12 têm programas voltados para a juventude, como o de Planejamento Familiar – que inclui a distribuição de métodos contraceptivos – e o projeto “Risco Social” – que trabalha a discussão de temas sociais com grupos de adolescentes. A prefeitura quer levar esses programas a todas as unidades. “Sabemos da importância de ações mais sistematizadas para adolescentes, com atendimentos individuais e em grupos. Nossa meta é implantá-las já no próximo ano”, afirmou a coordenadora do Programa de Saúde do Adolescente e do Jovem de Vitória, Rita de Cássia dos Passos Souza. Hoje, segundo ela, qualquer adolescente que procura as unidades de saúde consegue obter a pílula anticoncepcional gratuitamente.

MARIANA*, 17 ANOS
Moradora de Vitória

“Engravidei quando estava perto de fazer 15 anos. Namorava há seis meses e tinha acabado de terminar um curso na unidade de saúde. Sabia tudo de gravidez, tanto que ninguém acreditou quando contei que ia ser mãe. Eu fiquei revoltada, quase pensei em me matar. Meu pai ficou um ano sem olhar para minha

to. Nos primeiros meses de vida da minha filha, quem cuidou dela foi minha irmã. Mas aí fui percebendo como era bom ser mãe. De repente, virei mulher e passei a ser respeitada. As pessoas começaram a me olhar diferente e me tratar não mais como criança. Hoje sou responsável. Perdi muitas amigas, mas estou feliz. Minha filha é tudo para mim”

* Nome fictício

Gravidez antes dos 15 coloca saúde em risco

Médico explica que, antes dessa idade, corpo não se desenvolve o suficiente para uma gestação

Mais do que antecipar uma etapa da vida, as adolescentes que engravidam muito cedo estão colocando em risco a própria saúde, como explica o médico da família, Jeandre Pereira.

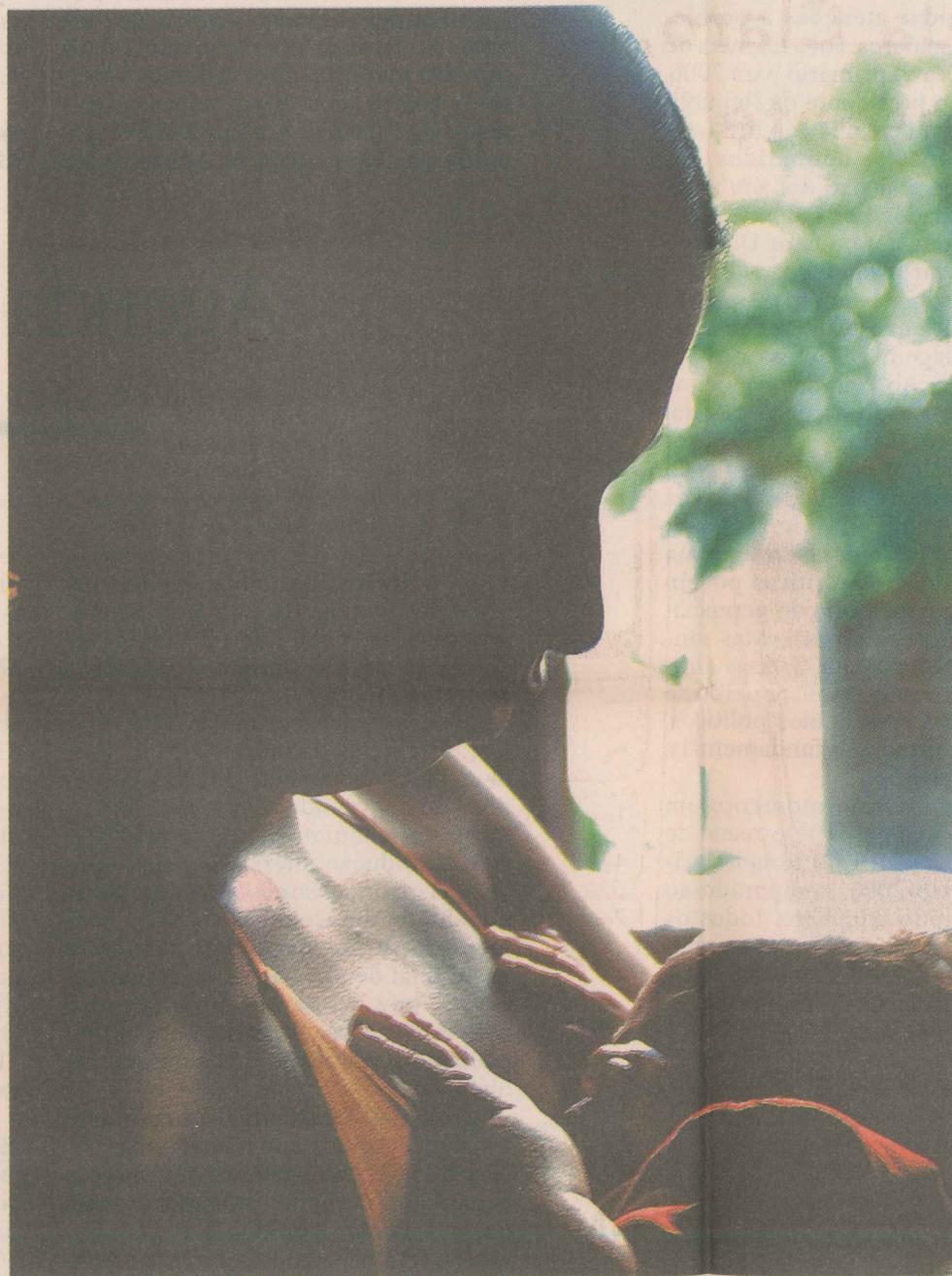
Nessa fase, segundo ele, o corpo das meninas ainda não se desenvolve o suficiente para uma gestação nem a estrutura óssea de seus corpos suporta uma gravidez.

“Quanto mais nova, mais chance ela tem de desenvolver eclâmpsia. Se for menor de 15 anos, já é considerada uma gravidez de risco”, explica o médico que realiza no dia-a-dia da Unidade de Saúde de Consolação, em Vitória, o pré-natal de várias gestantes adolescentes.

Causa improvável. Ele concorda que, a desinformação – justificativa para a gravidez precoce há algum tempo – seria uma causa improvável hoje para o alto índice de gestações na adolescência no país e em Vitória.

“No posto, elas têm acesso a palestras, recebem camisinhas, orientação, tudo para que possam evitar a gravidez antes do tempo. Elas engravidam mesmo porque querem crescer, ser notadas dentro da comunidade”, enfatiza.

Desejo realizado



DECISÃO. Eles parecem irmãos, mas, na verdade, a adolescente E., 17 anos, e o pequeno D. são mãe e filho. Nascido no último dia 12, ele veio para mudar completamente a vida de E., que decidiu ser mãe cedo, e não sabe explicar o motivo. “Sei lá, achava bonito, achava legal e tomei a decisão sozinha”, conta ela, que agora também tem que tomar conta de D. sozinha, já que a mãe, a auxiliar de serviços gerais Marluce Rampinelli, 43, trabalha o dia todo. A adolescente tomava anticoncepcional há dois anos, mas decidiu parar para realizar o desejo de ser mãe. Arrependimento? “Gostei de ter meu filho, mas sei que foi um pouco de burrice. Filho prende, não posso ir na rua que ele sente minha falta”, conta ela, que parou os estudos, no 1º ano do Ensino Médio. FOTO: CHICO GUEDES

ANÁLISE

Penélope Zecchinelli Sampaio

“Mães para ser alguém”

Viver na periferia é ser mais um na multidão para essas meninas. Elas percebem que quem é pai ou manda e os filhos obedecem. Apesar de ser uma visão meio torta do mundo é a visão que elas têm. Quando a mãe é relapsa, aí é que elas têm a falsa idéia de que ser mãe é fácil. Todos continuam ali, vão vivendo. Se ela engravidar, a mãe não vai expulsá-la de casa, ela mesma já convive com os filhos dos irmãos, ou parentes, e por isso até muitas acabam tendo dois filhos na adolescência. Ser mãe é ter responsabilidades, elas serão vistas como a mãe do fulano e ainda se assumem sexualmente na sociedade com a gravidez. Ela não é mais uma menina, é uma mulher, porque vai ter que se virar para sustentar o filho. Antes do filho, ela até podia ter sonhos, mas não era ninguém. Quando é mãe e passa a ser alguém, ela tem que abandonar os sonhos, as duas coisas não cabem na vida delas. É a falta de perspectiva. Hoje, o problema não tem nada a ver com falta de informação. Talvez sejam necessários mais projetos que incentivem o diálogo na família, na comunidade, para poder reverter essa situação.

Penélope Zecchinelli Sampaio Psicóloga e psicanalista

São Pedro terá experiência piloto

A experiência piloto nas ações integradas voltadas para a juventude será levada à Grande São Pedro, região com o maior índice de gravidez na adolescência da Capital e que registra também altas taxas de violência. Foi o que anunciou a coordenadora de Segurança Urbana de Vitória, Vanda Valadão.

A idéia é mobilizar diretores de escolas e de unidades de saúde, agentes municipais, representantes da regional, entre outros, num grupo técnico que vai atuar como ponte para a decisão sobre quais projetos devem ser implantados.

“São pessoas que estão na ponta, em contato direto com as comunidades. Quem está longe tem uma visão abstrata dos problemas. Ninguém melhor do que eles para apontar o que mais aflige os moradores e o que precisa ser feito em várias áreas, como Esporte, Cidadania, Educação, Cultura e Lazer, por exemplo”.

A medida faz parte do programa Vitória da Paz, anunciado este ano pela prefeitura e que prevê uma série de projetos a serem desenvolvidos na Capital. Depois de São Pedro, outras regiões vão ter seus próprios grupos técnicos.